

COMO SE FAZ UMA CANÔA

Quem nunca sabiu das grandes cidades europeas, mal pôde avaliar as magnificências da natureza. Se o passeante do Chiado pudesse cair de repente em meio d'uma floresta virgem do Amazonas, o seu espanto seria enorme. Árvores gigantescas, cruzando os seus ramos poderosos, interceptam o caminho, que só pôde abrir-se com auxilio de machado. Algumas d'estas arvores, que contam por seculos a sua duração, apresentam tão grossos troncos, que dez homens juntos não conseguem abraçá-los! Quando re-

ferencia aos braços de dez homens? Os pretos escavam o tronco, e assim fazem um barco, a que chamam *ubá*. É admiravel, não é?

UMA CAÇADA

À hora de mais calor, o Manuel, rapaz dos seus 13 annos, andava no campo a escolher, por entre certas palhas, algumas mais compridas.

As que encontrava e lhe agradavam, separava-as com cuidado. Depois de algum tempo, olhando para as já separadas, viu que tinha as suficientes; por isso não procurou mais. Pegou



fectimos que esses colossos da natureza pro-veem d'uma simples semente, mais pequena do que uma unha dos nossos dedos, não podemos deixar de curvar a cabeça e reconhecer o im-enso poder de Deus!

Reparem na gravura que acompanha este ar-tigo. Sabem o que estão fazendo aquelles va-lentes negros, de machado em punho? Suppõem talvez que tratam de converter em lenha a opulenta arvore que derribaram? Pois enganam-se, meus amiguinhos. Aquelle rude trabalho não é para destruir, mas sim para construir. O que? Uma canôa!

— Uma canôa?! — exclamam talvez admi-rados. — Pois é possível que d'um unico madeiro, d'uma só arvore, se possa fazer um barco?...

— É sim, senhores. Pois não lhes disse que no Amazonas ha arvores superiores em circum-

n'ellas com cuidado, juntou-as, bateu-as por uma das extremidades n'uma pedra, e atou-as com um cordel. Em seguida pôl-as a um canto e en-caminhou-se para casa. Junto ao portão da quinta esperava-o um outro rapaz, conforme haviam combinado.

Mas para que seriam as palhas? Para onde iam, com o calor que fazia?

Eis a resposta:

Manuel andava na escola a aprender a lêr, escrever e contar, completando assim os prepa-ratorios da sua carreira de caixeiro. Era seu companheiro de preferencia o tal que o esperava, de nome João. Manuel era bom, não gostava de cabular, e se algumas vezes o fez, foi indu-zido pelo João para alguma proeza! Manuel era rapaz e facilmente cedia ás boas palavras do amigo.

Os passeios eram variados: ás amoras, no tempo; aos passaros; á pesca das enguias no ribeirinho, em summa, mil outras cousas que os cerebros dos meninos são capazes de inventar.

No estio, os trigos amarellecidos e sazoados enfeitam os campos com caprichosas ondas, formadas pelo vento. Aqui e alli se ouvem ás vozes alegres dos segadores que, satisfeitos com uma abundante colheita, cantam contentes. Os passaros, grandes e pequenos, pousam a miúdo para comerem algum grão que esteja espalhado. De dia e ao anoitecer, os grillos, nos campos já ceifados, cantam com grande inferneira, saboreando ora o calor do dia, ora o fresco delicioso do fim da tarde.

Manuel tinha cedido, ainda que com custo, ás palavras do João. Combinaram no sabbado, na aula, o passeio do dia seguinte, que consistia n'uma caçada... aos grillos! Eis a razão porque elle procurava com cuidado as palhas e porque sahuiu de casa affrontando um calor de rachar.

Não andava ninguém pelos campos! Os nossos heroes não tinham pois obstaculos a vencer. Nem uma pessoa encontraram durante o caminho!

Chegaram a um campo onde se não ouvia se não o cri-cri dos grillos e o cantar das aves, que procuravam abrigo entre a rama dos pinheiros que ficavam perto.

— Fiquemos por aqui — disse João ao seu companheiro. — Agora silencio!... Vae tu por esse lado, que eu vou por este. Oíço cantar!...

E o João, com todo o cuidado, lá se foi approximando do sitio onde lhe parecia ouvir cantar. De repente parou, e com a mão começou a chamar freneticamente o Manuel. Este, louco de alegria, não esperou mais tempo, e aos saltos largou a correr! O grillo não cessava de cantar. João, vendo que o Manuel não parava de saltar, approximando-se do grillo, gritou-lhe:

— Vem devagar!

O grillo não mais se ouviu! Chegou o Manuel,

deu uma palha ao João e elle tomou outra. Pozeiram-se a procurar o pequeno cantor dos campos. De joelhos escogitavam todos os buraquinhos que encontravam. De repente geral alegria!... Ambos tinham dado com o desejado buraco!

Começaram por esgaravatar com as palhas, que se quebravam successivamente. Já havia propostas para se escavar a terra, mas nenhum d'elles trazia navalha ou cousa que a substituísse. O Manuel só tinha na mão uma palha, unica que escapou ao supplicio! Esgaravatarem com essa e qual não foi o espanto d'elles, quando viram que a palha começava, embora elles a empurrassem, a subir com força!

— Nada! isto não é grillo! — disse o Manuel como mais prudente.

— É sim!... Elle cá vem! — exclamou o João, entusiasmado.

De repente assumo á superficie uma cabeça achatada, com os olhos muito fixos.

— Vês que não é grillo!

A cabeça sahuiu inteiramente, e com ella um corpo adelgado, semelhante ao da enguia, porém sarapintado de preto e amarelo. Os rapazitos recuaram assustados ao verem diante d'elles uma vibora!

Manuel cobrou animo depressa e, tomando uma pedra, dispunha-se a matar o reptil, mas este d'um salto galgou um pequeno vallado, que elles passaram em seguida e largou campos fóra, arrastando-se velozmente até uma grande distancia. Felizmente, alcançaram-na e o Manuel despedaçou-lhe a cabeça com uma pedra.

Em vez de grillos, trouxe o Manuel, na ponta d'uma canna, o corpo da terrivel vibora!

Era o seu estardarte de victoria!

A todos que passavam por casa do Manuel, mostrava elle muito ufano o seu inimigo vencido.

Era um valente este Manuel!

Lisboa

A. MEIRELLES DE LEMOS.

DE LISBOA A PARIS

IV

Era ao anoitecer e por isso ainda por algum tempo fômos deleitando os olhos e o espirito com a vista do oceano, da magnifica cidade e de seus arredores, abundantes de aldeias, de jardins e formosas casas de campo. Veiu de todo a noite, em que passámos por *Tours*, cujo bispo, S. Martinho, apóstolo e se pôde dizer fundador da igreja franceza, é uma das maiores glorias do sacerdocio christão e da humanidade. Foi uma das imitações mais bellas do espirito de *Jesus*, pela sua humildade, pela sua caridade, pelo seu zelo ardentissimo. Também a noite não nos deixou ver *Orleans*, de que tomou appellido a famosa donzella de *Domremy*, Joanna d'Arc, heroica e virtuosa libertadora da sua patria; e de que foi arcebispo mr. *Dupanloup*, ardente

defensor do ensino christão, orador distinctissimo, pastor mui zeloso, sem duvida uma das maiores capacidades do seu tempo.

As 5 horas e meia da manhã, chegámos a Paris pela magnifica estação d'*Orleans*. Paris estava a erguer-se, a sua população começava a formigar. Eis a praça da Bastilha, pavorosa fortaleza e prisão d'estado, que encerrou muitos criminosos para bem da sociedade, e foi reclusão e sepulchro de muitos innocentes, victimas da tyrannia e do favoritismo o mais escandaloso. Começada pelo famoso Prevoste de Paris, *Hugo Aubriot*, que foi o seu primeiro preso, foi tomada e arrazada pelo povo a 14 e 15 de julho de 1789. Foi por isto que, ha pouco tempo, erigiram perto a estatua da Liberdade, de bronze e

levantada sobre grande pedestal de marmore com baixos relevos e acompanhado de dois grandes leões tambem de bronze.

Estamos na grande cidade, bem alojados no recommendavel hotel *Treize*, na rua do mesmo nome, casa bem conceituada e bem servida. São seus donos mrs. Chaupin.

Tambem não podemos deixar de elogiar a casa a que iamos almoçar e jantar, o restaurant *Diner du rocher*, com entrada pela passagem *Jouffroy*, mui perto do *boulevard dos Italianos*. É estabelecimento vasto, bem servido, á noite brilhantemente illuminado e em que o zelo dos servidores condiz com a delicadeza dos donos da casa. Tem 54 mezas e entre almoços e jantares serve mil por dia!

O primeiro aspecto das ruas de Paris, antes de ver os grandes monumentos, os grandes jardins e as ruas de maior movimento, é desagradavel a nós portuguezes, costumados ao caído que torna brilhante o aspecto de nossas povoações, e que não tem as casas de Paris, que parecem descuidadas externamente e cobertas de poeira, apparencia augmentada pela natureza da cantaria, granito, que facilmente enegrece, e pelo uso geral de persianas nas janellas. Essa apparencia desagradavel modifica-se muito depois de alguns dias de observação d'essas ruas direitas, compridissimas, magnificas, cheias de movimento, e de lojas opulentas, que, assim como os cafés, invadem parte dos passeios, com o bom gosto da disposição das fazendas e com a modicidade dos preços marcados á vista, attraíndo o viandante, que, começando por enlevar os olhos em tantas delicadezas e baratezas da industria, acaba por sentir despertar-se lhe o appetite e resolver-se a satisfazel-o. Chamamos magnificas ás ruas de Paris e o são pela sua extensão e pela opulencia dos estabelecimentos commerciaes, mas os palacios dignos d'esse nome, palacios de verdadeira magnificencia, vêem-se mais em alguns sitios, como S. Germain, boulevard Malesherbes, barreira da Estrella, etc.

V

O rio *Senna*, com quanto muito mais estreito do que o nosso Tejo, ainda assim augmenta a importancia, a commodidade e o encanto de Paris, tanto é o movimento de pequenos vapores que continuamente descem e sobem o rio, levando a excursões agradaveis e pondo em communicação a cidade com localidades proximas e longinquoas. Foi mui agradável o passeio que uma noite demos ás bordas do *Senna*. É abundante a illuminação da cidade, principalmente nas ruas de maior trafego commercial e nos campos Elysiens. Em geral os estabelecimentos commerciaes são mui abertos e forrados de espelhos, que, de noite, reflectem do modo mais deslumbrante a illuminação.

Em muitas ruas e largos o movimento de carruagens e omnibus chega a ser verdadeiramente perigoso, e mais perigoso pela insolencia dos

cocheiros e quasi indifferença da pouca policia, que parece dominada pelo receio de incorrer no desagrado d'aquelles que deve corrigir.

Das ruas de maior movimento citaremos a *rue Royal*, os *boulevards Des Capucines*, dos *Italianos* e de *Hausseman*, as ruas *Lafayette* e de *Rivoli*, as proximidades da *Grande Opera*, da *Magdalena*, das *Tuillerias*, do *Louvre* e do *Palais-royal*. Os monumentos de Paris que vi e que mais prendem a attenção, são: a '*Bolsa*, edificio grandioso, ornado de columnas por todos os lados e tendo na frente duas grandes estatuas sentadas; na praça *Vendome* a columna notabilissima pelas suas recordações historicas e pelo grande homem a que principalmente é dedicada e cuja estatua encima o monumento; o obelisco de *Luxor*, trazido do Egypto e collocado na praça da Concordia, entre duas fontes monumentaes e quatro grandes estatuas sentadas em pedestaes, talvez de pezado gosto. D'aqui seguem os jardins e ruas larguissimas dos Campos Elysiens, tambem ornadas de fontes magnificas. A rua do centro continua formando a *Avenida dos Campos Elysiens* até ao *Arco triumphal da Estrella*, admiravel pelos seus altos e baixos relevos, taes que o não deixam considerar inferior aos afamados arcos triumphaes de Trajano e de Tito em Roma.

Do arco da Estrella, tomando um pouco á esquerda, segue a Barreira do mesmo nome, orlada de jardins deliciosos, de chalets e palacios, taes que formam um dos sitios mais encantadores de Paris.

A Barreira da Estrella vai até ao bosque de Bolonha, talvez o primeiro do mundo, pela sua extensão, pelo seu opulento arvoredo, tratado, assim como as ruas, com o maior esmero, pela sua cascata abundante e pittoresca e pelo seu lago extenso, sulcado por grande numero de barquinhas a remos e á vella. Percorrem-se 7 kilometros, indo e vindo, da grande *Opera* ao fim do bosque, cuja vista, tomada do alto da cascata e nas horas de maior concorrência, é um espectáculo verdadeiramente maravilhoso e talvez unico.

Além d'este tem Paris outros passeios tambem agradabilissimos e dos quaes vimos os seguintes. O *Jardim das plantas* é á ponte d'*Austerlitz* e traz á memoria os preclaros botanicos *Jussieu*. O *jardim d'acclimação* é mais recorrido ás quintas feiras e domingos e, além do encanto de suas colleções botanica e zoologica e do aquario, offerece as diversões de passeios de caminho de ferro, em elephante, em camello ou em carruagem, puxada a ponneys, e tambem o prazer de ver uma reunião de *Kalmucos*, a que alli deram alojamento, junto do qual elles se exhibem de quando em quando a pé e montados em seus camellos.

Butes-de-Chaumont é o nome de um grande jardim publico, para a banda do bairro de Santo Antonio. É abundante de arvoredo, de alfombras, de grutas com suas stalactites; tem uma grande ponte pensil, lançada sobre um grande lago, que rodeia um monte rochoso e elevado, sobre o cume do qual collocaram um airoso

mirante, d'onde se gosa talvez a melhor vista de Paris e se avista o celebre monte Valeriano.

Parque *Monceaux*, situado no boulevard de *Malesherbes* e deverdor de muito a *Dubenton*, que n'elle tem uma estatua; não tem rochas, nem grutas, nem ponte pensil, mas sim ruas deliciosas por entre arvoredo umbroso, encantadores tapetes de verdura e delicadas placas de flôres, e tudo isto dominado por uma formosa rotunda, com casas de jardineiro e de outros diversos usos, e, em fim, engrandecido com as ruínas d'um templo romano, do qual restam 33 bellas columnas, entre as quaes cavaram um lago, cujas aguas limpidas reflectem o monumento, pittorescamente aqui e alli enrolado de hera.

Perto d'este parque fica o celebre estabelecimento de carruagens *Binder*, que fornece todas as casas reaes; corre a rua de *Lisbonne*, de boa casaria; e, na rua *Chazelles*, 25, se vê a gigantesca estatua da Liberdade, que alli se fundiu e em que se está trabalhando ha 15 annos. Deco-

rá uma das praças da opulenta New-York. Será um novo colosso de Rhodes.

Tambem são magníficos, mui vicosos e abundantes de estatuas os jardins das *Tuileries*, que foi uma das mais vastas residencias de soberano, da qual a *Communa*, por odio aos reis e imperadores, e sem attenção ás artes, incendiou e destruiu o corpo principal, que não tentam reedificar.

Tal palacio, poupado ao vandalismo, podia tambem ser dedicado a *toutes les gloires de la France*, como o foi *Versailles*, a cuja visita consagramos um dia, de que sempre me lembrarei com saudade.

Partimos, um domingo, pela estação de S. Lazaro. Foram muitas carruagens cheias de povo, que ia folgar em *S. Cloud*, *Sèvres*, *Ville d'Avray*, *Versailles* e outros arredores de Paris.

(Continúa)

SILVA FIGUEIRA.



O RATO DA CIDADE E O RATO DO CAMPO

(FABULA DE LAFONTAINE)

Certo rato da cidade
Do campo a um rato pobrete,
Com toda a civildade
Convidou para um banquete.

Sobre um tapete de França
Estavam postos os pratos;
Imagine-se a folgança,
O gaudio d'estes dois ratos.

Alegre função foi esta;
Porém teve mau desfecho,
Porque alguém perturba a festa
Em quanto os dois dão ao queixo.

Perto da porta da sala
Faz barulho uma creada;
Da cidade o rato abala
E atraz d'elle o camarada.

Cessa a bulha; eis n'um instante
Voltam os dois assustados.
Diz o da cidade: — Avante,
Dêmos cabo dos guizados.

— 'Stou farto, torna-lhe o amigo
Com modos muito grotescos.
Vem ter amanhã comnigo;
Não dou festins principescos,

Porém poderás trincar
Socegado em minha toca.
Leve o demonio o jantar
Que faz amargos de bocca!

J. I. ARAUJO.



VERSOS AO JULIO

A APOSTA

Dizia o Carlinhos
Em tom pertinaz
Que a prima Germana
Não era capaz

De quinze ou mais vezes
Saltar sem descanço,
Em quanto elle á corda
Movia balanço.

Germana protesta
Que salta por força,
Que tem nervos d'aço
E pernas de corça!

Carlinhos insiste,
Secunda-o a mana,
E os dois desafiã
A prima Germana.

Propõe-lhe o Carlinhos,
Se acaso perder,
Dar-lhe um dos bonitos
— O que ella escolher.

Germana, contente,
Accetta a proposta
E escolhe o moinho
Por premio da aposta.

Assim se resolve,
Assim se concorda
E os manos de prompto
Seguram a corda.

Carlinhos se trepa,
Por ser mais pequeno,
Sobre um pedregulho
Que eleva o terreno.

Á voz de um! dois! tres!
A lucta começa
E a corda lá anda
Girando depressa.

Germana ligeira,
Saltando qual pôtro,
Lá pula, lá pincha,
N'um pé ora n'outro.

Carlinhos já vê
Que a aposta lhe falha
E agita o moinho
A ver se a atrapalha.

Da prima os desejos
Assim mais aguça,
E não a atrapalha,
— Mas qual carapuça...

Em breve Germana
A aposta ganhando
Lhe apania o moinho
E diz-lhe troçando:

— Então, meu pateta,
Já estás satisfeito?
Qual tinha, de nós,
Rasão n'este pleito?...

— Foi boa a lição,
Que assim te aconselha
A nunca teimares
Com gente mais velha...



UM DESASTRE!

A mamã da Carlotinha,
Para os annos festejar
Da sua querida filhinha,
Deitara n'um alguidar
Ovos, assucar, bom leite
E um fiosinho d'azeite.

Que bellos bolos teria
A Carlotinha formosa,
Se ao forno, ou banho-maria,
A traquinhas, a gulosa,
Deixasse a massa ir coser
Para depois a comer!

Mas junto á banca passando
Onde estava o alguidar,
Teve o desejo nefando
Do bello doce provar.
— «A mamã não saberá...
»Deve ser bom. Vamos lá!...

A vasilha a custo inclina,
Pondo-se em bicos de pés,
E vac lambendo, a ladina,
O doce que a mamã fez.
Mas a coisa tem seu p'riço...
Toda a culpa tem castigo

Tanto o alguidar empinou
Que, vindo ao chão afinal,
Debaixo d'elle ficou,
Parecendo por seu mal,
Em meio de tal borrasca,
Um pinto a sahir da casca!

Carlotinha, Carlotinha,
Quem te mandou ir tocar
Nos ovos e na farinha
Que estavam no alguidar?
Por seres gulosa, apressada,
Ficas agora sem nada.



MATTOS MOREIRA.

O DIÁCONO NAHAM

LENDA AMERICANA

Naham, indio convertido ao christianismo, é diacono da sua parochia, situada na orla de um bosque.

Uma noite viu em sonhos um anjo bom, que lhe deixava cahir na mão uma luzente moeda de ouro, dizendo-lhe ao mesmo tempo: «Isto manda-te Deus.»

Levantou-se Naham ao romper do dia e encaminhou-se para um sitio onde a voz das ondas se mixturava com o gemido das folhas das arvores, agitadas pela brisa matinal.

Internou-se no bosque para revistar os laços que alli deixara na vespera, e viu com magoa que nenhuma ave ou quadrupede tinha cahido.

As lontras, gozando na sua liberdade, mergulhavam nos charcos e desappareciam entre os juncos; as perdizes folgavam debaixo dos pinheiros, e pela imaginação do pobre Naham passou, perdida a esperanza, o triste pensamento de haver deixado na humilde cabana a esposa enferma e o tenro filhinho, que o veriam regressar com as mãos vazias.

A' vista d'isto, quem extranhará que Naham sentisse vacillar a sua fé, que ella estivesse quasi a quebrar-se, como um cabo roído pelo uso, unica esperanza de um naufrago?

«Oh meu Deus! exclamou o infeliz com desespero, envia-me o anjo do meu sonho, supplico-t'o... Naham está pobre de mais para poder esperar.»

Falava ainda com os olhos postos no céo, quando o pé lhe deu n'um objecto que produziu uma vibração metallica. Inclinou-se e viu uma bolsa de seda, atravez de cujas malhas brilhavam moedas de ouro.

Apanhou-a, abriu-a, e contando vagarosamente os maravilhosos discos encontrados no seu passeio:

«Ah! disse, o meu sonho não me enganou. Mas o anjo só me offereceu uma moeda de ouro, e aqui ha dez... Devo ficar com todas? Talvez alguém as perdesse... Que importa?... as arvores não falam nem vêem: por consequencia, não me vão denunciar. Quem possuia esta bolsa é com certeza algum ricoço... a sua perda ser-

lhe-ha tão indifferente como a das migalhas de pão que lhe caem da mesa.»

Taes eram os argumentos a que Naham se agarrava; e para reforçar-os contra o grito da propria consciencia, como que imaginava ouvir a voz de uma creança pedindo pão, e ver as feições pallidas de uma mulher doente.

Em fim, para ajudal-o a dominar os ultimos escrupulos, a tentação refrescava-lhe na memoria os costumes livres da sua tribu, a vida independente do indio que elle, Naham, sacrificara á disciplina da moral christã, os prazeres do caçador selvagem a que renunciara pelo monotonico cantar dos psalmos e pelos exercicios de uma devoção que lhe não permittira obter do céo pão para seu filho, nem saude para sua mulher, prostrada na cama.

É verdade que a fé christã lhe promettia os gosos do paraíso de Christo; mas esses gosos seriam preferiveis aos do paraíso que as divindades indias promettem aos seus adoradores?... Havia tambem uma ameaça de inferno; mas que? essa historia de inferno seria verdadeira? o Deus que lhe haviam ensinado a crer tão terrivel e ao mesmo tempo tão bom, seria tão severo que o deixasse consumir a fogo lento, como o captivo amarrado ao poste do feroz Mohawk, o inimigo da sua raça? ver-se-hia condemnado ás penas eternas por ter ficado com esse ouro de que tanto necessitava, e seria objecto de zombaria para o primeiro de entre os seus collegas, que se visse admittido na gloria celeste depois de ter accumulado capital vendendo aguardente aos indios?

Emquanto Naham vacillava entre as superstições das suas primeiras crenças e as instrucções de recém-convertido, julgou ver deante de si o symbolo vivo da sua lucha interior ao distinguir a poucos passos uma serpente negra, com a lingua apontada para uma arvore, em cujos ramos se refugiára um passarinho que, attrahido pela fascinação do reptil, estava para cair asphyxiado.

N'aquelle momento chegou-lhe aos ouvidos, qual voz celeste, o longinquo rumor das ondas, e, como despertando repentinamente, exclamou:

«Ouvi-te, Senhor, e a ti volto: saberei vencer o meu tentador. Morrerei de fome, se fôr preciso, mas, enquanto viver, poderei apresentar-me de cabeça levantada deante dos meus irmãos tão desgraçados como eu, e deante dos meus irmãos mais felizes. Recebi o teu baptismo, ó meu Deus, e fui nomeado diacono da tua igreja; conservar-me-hei fiel á tua santa doutrina e ninguem jámais poderá dizer: Naham é um ladrão. As arvores são cegas e mudas, é verdade, mas ó meu Deus, tu tens olhos para vêr-me e uma voz para falar-me.»

Ao mesmo tempo Naham apertou o cinto de couro, para domar o tormento da fome que o opprimia, e encaminhou-se vagarosamente para o logarejo á beira-mar.

Chegado, parou deante da porta de uma venda, ponto de reunião de marinheiros e pescadores, e:

«Quem perdeu uma bolsa? gritou em tom alegre.

«Eu, respondeu-lhe uma voz; uma bolsa com dez moedas de ouro; uma bolsa de seda, trabalho de minha filha.»

E Naham viu dirigir-se para elle um homem robusto, decentemente vestido e coberta a cabeça com o chapeo de oleado dos maritimos, mas sem azas nas suas largas espaduas.

Naham, entregue a bolsa, ia para se afastar com a maior tranquillidade, quando o individuo o deteve dizendo-lhe:

«Espere, amigo: uma d'estas moedas pelo menos é sua; acceite-a, peço-lh'o, primeiro da parte de Deus, depois como em recompensa da sua honradez.»

Naham, recebendo a moeda, respondeu:

«Acceito-a da parte de Deus, e com o reconhecimento de um homem pobre.»

E Naham encaminhou-se para sua casa, dando graças ao Todo Poderoso.

Quando os seus vizinhos lhe falaram do dono da bolsa, piloto muito conhecido em todos os portos da costa:

«Ah! disse elle consigo e sorrindo, vi um anjo no mesmo individuo em que elles viram apenas um homem.»

FRANCISCO DE ALMEIDA.



ALEGRIAS

Dois amigos foram fazer uma viajata, levando na sua companhia um criado preto. Na primeira povoação em que pernottaram, um dos viajantes recommendou ao estalajadeiro que o acordasse de madrugada, para ter tempo de ver os arreadores. Foram deitar-se os dois amigos, pegando logo no sono o que pedira que o chamassem cedo. O outro nem pela bréca podia dormir, e como era muito esturdiado, lembrou-se, para se distrahir, de pintar com graxa a cara do companheiro. Foi dito e feito.

De madrugada o locandeiro veiu acordar o hospede para ir gozar os arreadores. Vestiu-se o homem, e indo ao espelho para se pentear, exclamou:

— Ora esta! pois eu digo ao estalajadeiro que me acorde a mim, e o palerma vae acordar o preto!...

Tornou a despir-se e mettu-se na cama.

Uma dama muito formosa, mas cheia de vaidade e de mil outros defeitos, perguntou um dia a certo poeta:

— Que pensa da formosura, sr. Fulano?

— Penso, minha senhora, respondeu o poeta, que a belleza é como um zéro: só por si nada vale, mas augmenta o valor das qualidades a que se junta.

Entrando na convalescença de uma grave doença, um sугeito perguntou ao medico se podia comer alguma coisa.

— Póde, respondeu o doutor; uma coisa ligeira não lhe faz mal.

O doente começou a pensar qual seria a coisa mais ligeira.

— Nada mais ligeiro que uma lebre — disse por fim.

Mandou logo buscar uma lebre e comeu-a toda. O homem esteve quasi a ir com toda a ligeireza para o outro mundo.

Certo vereador enfatuado foi ha tempos procurar um advogado muito conhecido, na occasião em que elle estava acabando a minuta d'um requerimento muito importante.

O criado annunciou, abrindo a porta do escriptorio:

— O sr. Fulano, vereador da camara municipal.

O advogado complimentou o e disse-lhe:

— Queira puxar uma cadeira e sentar-se.

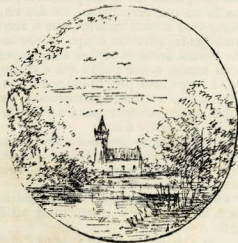
E continuou a escrever.

O vereador, que se tinha na conta de pessoa importante, esperava melhor recepção; por isso, exclamou indignado:

— O sr. não ouviu? Olhe que sou Fulano, vereador da camara municipal. . .

O advogado ergueu a vista e respondeu muito naturalmente:

— Ah! sim? Então puxe duas cadeiras.



HORAS ENTRETIDAS

170 — METAGRAMMA

(AO AMVEL CHARADISTA BÉBÉ)

Um metagramma lh' offereço
E p'ra o livrar de cuidados
Já digo que esta primeira
É tapume de silvados.

Se a segunda lhe offertar
Com intenção maliciosa,
Estou certo que a despreza
Por ser herva espinhosa.

Se armado fôr da terceira,
E com ella o ameaçar,
Estou bem certo que a quarta
Eu lhe faço carregar.

Mas se na quinta tocar
A moda de um arriero,
Ha de gostar d'esta planta
Porque tem muito bom cheiro.

São d'uma côr exquisita
Que mais nenhuma lhe ganha
Esta sexta em Portugal
E a setima na Sardenha.

Falta agora esta oitava,
E com ella que termino,
Pois é muito preguiçoso
Quem não segue o seu destino.

Vizeu O PEQUENO ANTONINHO.

171 — CHARADA NOVISSIMA

Agora aqui na musica um amphibio — 1 — 1 — 1
Monchique CUNHA & C.ª

172 — CHARADA NOVISSIMA

O animal corre com o cavalleiro — 3 — 2
Vizeu TRAVESSO & C.ª

173 — CHARADA NOVISSIMA

Não é boa no convento esta planta — 1 — 2
Lisboa HERMINIA.

174 — CHARADA NOVISSIMA

Tem a casa este signal que se leva para toda a parte — 2 — 1
Monchique CUNHA & C.ª

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

163, Manumene 164, Viuva —

165,

C
H
A
CHARADA
A
D
I
S
T
A
S

166, Cigarrã — 167, SAGU
AMAS
GATO
USOS

168, NAUTICA
TIGRINO
CANORO

169,

